



Desirée do Vale/Divulgação

EM SOLO EUROPEU, A JORNALISTA JÚLIA (MÔNICA MARTELLI) E A CORRETORA CLARA (INGRID GUIMARÃES) REFAZEM A VIDA EM 'MINHA MELHOR AMIGA'

ESSA DUPLA É A MAIOR DIVERSÃO

Mônica Martelli e Ingrid Guimarães **venderam por volta de 28 milhões de ingressos de 2011 a 2024**, o que faz da conexão delas em 'Minha Melhor Amiga', que estreia nesta quinta-feira (3), **um potencial ímã de plateias**. Página 3



Divulgação

'Dela' é uma das pérolas desta quinta na Caixa Cultural

Curta,

iguaria que nutre e faz crescer

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A fominha que bate das 12h às 14h, fervida no calor do batedor, será aplacada com narrativas recheadas de brasilidade nesta quinta-feira (3), na Caixa Cultural Rio de Janeiro, graças a um menu temperado a lirismo, regado num caldo de reflexão sociológica, aberto à degustação na 13ª mostra “Curta no Almoço”. A programação começa ao meio-dia com “La Caramela” (2023), de Gian Orsini, e “As Marias” (2023), de Dannon Lacerda. Às 12h45, entram em cena “Dela” (2018), também de Orsini, e “Pai em Versos” (2023), de Julio Folha. Fechando o dia, às 13h30, será exibido “Nação Comprimido” (2024), de Bruno Tadeu. As sessões são gratuitas e fazem parte de uma seleção de 20 filmes (sempre em formato pílula, que serão exibidos até 25 de setembro na unidade da Rua do Passeio.

Idealizador e curador da mostra, Guilherme Whitaker vê no formato curta uma das expressões mais democráticas do audiovisual contemporâneo, sobretudo depois da popularização das câmeras digitais e dos celulares.

“O curta nacional, há décadas, tem primado pela diversidade e qualidade, comprovada pela quantidade de filmes feitos por ano e a sua presença em festivais interna-



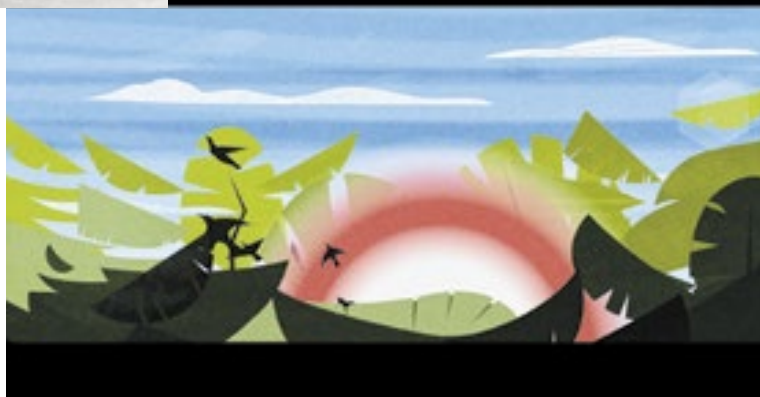
Divulgação

'As Marias' carrega a grife de excelência narrativa de Dannon Lacerda

cionais, não raramente com premiações. Uma das graças do curta é sua facilidade de realização, possível principalmente depois da popularização do vídeo e, depois, do digital, presente hoje na vida de quase todos, via celulares”, afirma. Para ele, a transformação tecnológica ampliou radicalmente o direito de produzir imagens. “Poeticamente, então, é maravilhoso perceber que qualquer pessoa, hoje, consegue se expressar audiovisualmente em poucos minutos, mesmo sem ter tido qualquer formação em cinema. É a liberdade máxima.”

A sessão do meio-dia desta quinta evidencia algumas das linhas de força da curadoria. “As Marias” coloca em cena mulheres pressionadas por expectativas familiares, religiosas e conjugais, que procuram romper com silêncios e formas de

Sessão de filmes em formato pílula mobiliza a Caixa Cultural na hora do almoço e afina a luta do curador Guilherme Whitaker em ampliar o acesso do público ao audiovisual de invenção



Divulgação

'Pororoca' é a atração desta sexta no evento



Divulgação

Bambas do teatro dão vida ao curta 'Nac?a?o Comprimido'

invisibilidade. Logo depois, “Dela” aborda identidade, aparência, autoestima e pertencimento a partir da infância, enquanto “Pai em Versos” divide a sessão das 12h45. Já “Nação Comprimido”, exibido sozinho às 13h30, cruza envelhecimento e afirmações de orientação sexual ao tratar da população queer idosa, num olhar sobre militância e a necessidade de criação de espaços de acolhimento.

Whitaker enxerga nesses filmes meios de formar um retrato necessariamente fragmentado de um país que se transforma. “Buscamos, na curadoria, fazer um pequeno painel com filmes que retratam questões relevantes ao Brasil de hoje. A mostra reúne diferentes identidades, experiências sociais e perspectivas”, diz o cineasta, produtor e programador.

Criado em 2007, o “Curta no Almoço” parte de uma ideia simples: inserir o cinema nacional justamente no intervalo de quem trabalha ou circula pelo Centro. São três sessões diárias, de terça a sexta-feira, às 12h, 12h45 e 13h30, com programas de pouco mais de 20 minutos. “Isso cria um conceito muito interessante: levar o cinema brasileiro para dentro da rotina cotidiana do trabalhador e do frequentador do Centro do Rio, utilizando o horário do almoço como oportunidade de acesso cultural, algo exótico e, também por isso, cativante”, explica Whitaker. “É fundamental agradecer à CAIXA Cultural por ter querido retornar com tal projeto tão bacana e importante para a efetiva formação de público para o nosso cinema, visto que muitas pessoas que vão às sessões nunca viram antes um curta numa sala grande.”

A seleção atravessa ainda temas como racismo, ancestralidade, precarização do trabalho, juventude periférica, memória e inclusão. Whitaker cita “Avôa”, de Lucas Mendes, sobre raça, masculinidade e memória de uma família preta e periférica; “Cidade Afluente”, de Josianne Diniz, centrado em relações de trabalho marcadas pela pressão e pela insegurança; e “Lapso”, de Carol Cavalcanti, sobre adolescentes da periferia submetidos à repressão e ao esquecimento institucional. Filmes dedicados a Cartola e Assis Valente acrescentam à programação uma reflexão sobre memória e contribuição afro-brasileira.

Até o dia 25, a mostra alterna ficções, documentários, animações e obras híbridas produzidas em diferentes regiões do país. Nos dias 23 e 24, haverá ainda sessões acessíveis para pessoas com deficiência auditiva e visual. O encerramento, no dia 25, reúne “Chega de Demanda, Cartola”, de Roberto Moura, e “A Jornada do Valente”, de Rodrigo de Janeiro, seguido de conversa com os realizadores. Até lá, a proposta permanece a mesma: fazer caber uma pequena janela para o cinema brasileiro entre o relógio do trabalho, a pressa do Centro e a hora de voltar ao expediente.

As amigas que podem levantar as bilheteria de 2026

Desiree do Valle/Divulgação



'Minha Melhor Amiga' chega aos cinemas com todo o empoderamento de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli

Mônica Martelli e Ingrid Guimarães são de volta em 'Minha Melhor Amiga', comédia rodada no Rio e em Lisboa

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Deixando-se de lado os 4.603.398 pagantes do primeiro "Minha Mãe É Uma Peça", de 2013, no qual participavam só como coadjuvantes, Mônica Martelli e Ingrid Guimarães somam, no posto de protagonistas, uma venda casada de 28.157.347 ingressos com os blockbusters que fizeram de 2010 a 2024. É um êxito in-

vejável. As duas estão de volta ao circuito exibidor a partir desta quinta-feira (3) com a comédia "Milha Melhor Amiga" que se espera da dupla é a maior arrecadação nacional de 2026, quando nossas produções vivem um tempo de amargor na tarefa de lotar multiplexes.

O longa brasileiro mais visto em circuito de janeiro até hoje foi "Velhos Bandidos", de Claudio Torres, com Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, que estacionou seu faturamento na marca de 429.187 bilhetes vendidos.

OS REIS DA COMÉDIA EM NOSSAS TELAS

Renato Aragão é o recordista de público de longevidade mais extensa de nossas telas (seis décadas, 51 filmes). Vendeu (numa conta bem arredonda) cerca de 107 milhões de tíquetes, seja entre os Trapalhões, seja nas aventuras solo de Didi.

As cifras associadas à Amácio Mazzaropi (1912-1981) em 32 longas-metragens fazem frente às do cearense de Sobral que atrapalhou o mau humor deste país. Seu problema é que parte de seus sucessos remontam a uma época na qual a aferição da receita cinematográfica, pautada em borderôs das salas exibidoras, não era apurada mecânica ou digitalmente como se faz hoje (sob o reforço analítico de portais como a Filme B), resultando em falhas de contabilidade.

Apesar disso, sabe-se que duas de suas mais notáveis performances, "Casa Pequeninha" (1963) e "Jeca Tatu" (1959), totalizaram 8 milhões de pessoas (cada) no histórico de suas projeções em sala. O caso de Mazzaropi não é diferente do que se passou com títulos dos campeões da gargalhada de nossa chanchada (Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Zé Trindade e, sobretudo, Oscarito), que mobilizavam multidões (milhões e milhões) por cada comédia carnavalesca. **(R. F.)**

Ano passado, de janeiro a março, "Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa" deu o dobro disso (e mais um tiquinho), em dois meses em cartaz, somando cerca de um milhão – não por acaso, vai ganhar uma continuação, já rodada. Também ao longo de dois meses de 2025 (novembro e dezembro), "O Agente Secreto" - que nos deu o Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e o De Melhor Ator Dramático, recebendo quatro indicações ao Oscar - vendeu 1,1 milhões de entradas. Totalizou 2,5 milhões de espectadores nas telonas. Antes dele, "Ainda Estou Aqui", lançado em novembro de 2024 e oscarizado em pleno carnaval de 2025, somou 5,8 milhões de espectadores, faturando uma fortuna também no exterior.

Este ano, quando a nossa ocupação de tela mal chegou a 10% no primeiro semestre, o segundo lugar do pódio, "O Diário de Pilar na Amazônia", parou em 147.803 espectadores, o que é um marcador alarmista.

Apesar de essas contas darem tristeza, Martelli e Ingrid, em duo, dirigidas por Susana Garcia, podem ser a maior diversão, respectivamente nos papéis de Julia e Clara.

Rodado no Rio de Janeiro, em Lisboa e em Sevilha, o longa traz essas irmãs camaradas no auge dos 50 anos. Julia é uma jornalista divorciada que não acredita mais no amor e não se sente valorizada profissionalmente. Já Clara vive um casamento em crise e uma rotina frustrante em casa cuidando do marido, da sogra e do enteado, desgostosa de si também no trabalho, como corretora imobiliária. Quando suas filhas Manu (Giulia Benite) e Isadora (Gabi Amaral), de 16 anos, embarcam para um intercâmbio em Portugal, as duas amigas sentem dificuldade de lidar com a nova rotina, sem as meninas. Para dar um basta no baixo astral, decidem viajar até o Velho Mundo, na "Terrinha", e surpreender as adolescentes.

Quando chegam em solo europeu, como toda comédia da boa exige, nem tudo sai como planejado e elas vão precisar recalcular a rota para viver intensamente as melhores férias da vida em uma viagem transformadora. Entre as mais variadas encrências, um historiador lusitano (Albano Jerónimo, o Marlon Brando de nossos patricios) e um médico gente fina (Ricardo Pereira) hão de cruzar a rota das heroínas dessa Odisseia pela gargalhada perdida, bem calçada na direção de arte de Monica Costa.

Quem sabe da união entre a diva da franquia "De Pernas Pro Ar" (2011-2019) e a musa das tramas "marcianas" "Os Homens São de Marte" (2014) e "Minha Vida Em Marte" (2018) não venha uma chuva de milhões? É o que o se espera.



Hugo Carvana, o malandro que mais trabalhou no cinema brasileiro

Falou Carvana, falou cinema... e falou saudade

Documentário sobre o astro e realizador de 'Vai Trabalhar, Vagabundo' será projetado nesta quinta nas Casas Casadas, numa celebração de seu legado poético no estudo da amizade

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao longo de quase sete décadas, que atravessam a chanchada, o Cinema Novo, a Retomada e as comédias populares dos anos 2000/2010, irreverência costumava ser a palavra precisa para definir Hugo Carvana de Hollanda, traduzindo bem suas múltiplas atividades, como ator, como cineasta, como torcedor do Fluminense, como cronista da vida boêmia ou como gente. Seu modo irreverente se fez notar (e conquistou fãs) até ele cometer a deselegância de deixar este mundo, em 2014, sem pedir licença ao nosso afeto.

Aí, para se referir a ele, é preciso falar em "saudade". Não por acaso, irreverência e saudade vão se misturar esta noite, no Cineclub das Casas Casadas, em Laranjeiras, às 18h, na projeção do documentário batizado "Carvana". O nome de sua personagem sintetiza sua potência estética, na chave pícaro da elegân-



'Vai Trabalhar, Vagabundo' venceu o Festival de Gramado em tempos bicudos da ditadura

cia. Atracção inaugural da 23ª edição do É Tudo Verdade, lá em 2018, a produção, regada a litros de emoção, nasceu como carta de amor ao realizador de comédias de sucesso como "A Casa da Mãe Joana" (2008).

Há neste filme-afago, rodado por Lulu Corrêa (diretora-assistente de Hugo nos sets de 1996 a 2013), imagens raras de seu docu-

mentado nos bastidores de suas filmagens, destacando sua lealdade aos amigos. "O filme mostra o Carvana na perspectiva histórica do país e do cinema brasileiro", explica Lulu, famosa pelo curta "Como Se Morre No Cinema" (2002). "Pra mim, não podia ser diferente: sua trajetória de seis décadas me coloca em contato com a minha própria memória. Eu

queria falar do Carvana por meio do cinema; queria falar do cinema, por meio do Carvana. É importante observar o seguinte: para além da perspectiva histórica, o filme é uma cronologia de afetos. Sem afeto não tem Carvana.

A forma como esse artesão da camaradagem definia sua arte endossa a fala de Lulu.

Em 2013, Carvana contou ao Correio da Manhã sua saga nas telonas: "Eu comecei a fazer filmes ainda na era das chanchadas e depois caí numa fase muito politizada, em que o cinema parecia bula de remédio, pois os diretores diziam 'Meu filme é bom pra acabar com a reforma agrária... meu filme é bom pra derrubar a ditadura... meu filme é bom pra isso... meu filme é bom pra-qui'. Os filmes que eu dirigi só são bons para deixar as pessoas felizes. Eu comecei na chanchada. Aprendi a filmar pra levar alegria às pessoas", disse Carvana, um ano antes de morrer, na finalização de seu último longa, "A casa da Mãe Joana 2".

"Eu gosto de patota, turmas, amigos... e as histórias que eu conto falam sobre isso. Ninguém dorme num filme meu, porque eles celebram a alegria. Eu faço meus atores trabalharem muito no meu set. Eu concentro a energia, filmo muito, canso todo mundo... mas ninguém sente o cansaço, ninguém reclama, porque existe integração, camaradagem e amor pelo cinema", dizia.

Nascido em 1937, Carvana dizia que era "um ator de câmera", por se sentir mais à vontade com a energia do audiovisual do que com a força dos palcos. Estreou filmes seminais de nossa cinematografia, como "Os fuzis" (1964), de Ruy Guerra, e iniciou, em 1973, com "Vai trabalhar, vagabundo" uma trajetória de milhões de espectadores e dezenas de prêmios no papel de cineasta. Foi selecionado, com seu longa de estreia, para o Festival de Taormina, na Itália, onde ganhou o prêmio principal. Levou ainda o Kikito de Melhor Filme em Gramado, em 1974. Na TV, fez personagens antológicos, entre eles o lendário repórter Valdomiro Pena da série "Plantão de Polícia" (1979) e o milionário Lineu Vasconcelos de "Celebridade" (2003-2004). "Ouvir as histórias do Carvana, ao lado da câmera, como diretora, é uma lembrança que me faz chorar até hoje. O Carvana era um gigante diante de mim", diz Lulu, ao Correio da Manhã.

Em meio ao É Tudo Verdade, ela explicou: "O amor à vida e o compromisso com a democracia eram aspectos centrais do modo de ser de Hugo nos sets e reviver esse jeito dele, revendo material de arquivo com ele em ação foi muito doloroso, pra mim, no início da concepção de 'Carvana'. Eu chorava, eu ria e, às vezes, ficava quietinha ouvindo suas palavras, para matar a falta que ele faz", diz Lulu, que concebeu o .doc escalado pelas Casas Casadas como se fosse um autorretrato. "Comecei a filmar com o Hugo em 'O Homem Nu' e nunca nos separamos. Foi percebendo, a cada encontro, o quanto ele aprendeu como cada um dos grandes cineastas com quem filmou, sempre movido pela paixão pelo cinema".

É Cavi Borges quem anima a programação das Casas Casadas, localizada no número 307 da Rua das Laranjeiras, coladinha com o Cine-Carioca José Wilker.

Temporada na Caixa Cultural reúne quatro shows, oficinas e filmes para percorrer a obra do músico paraense e as matrizes afro-amazônicas de seu repertório

AFFONSO NUNES

O Baile do Mestre Cupijó chega ao Rio, de quinta a domingo, no Teatro Nelson Rodrigues da Caixa Cultural. A temporada “Onde Nasce o Sirirá” revisita a obra do músico paraense cuja criação ajudou a projetar o sirirá, dança e linguagem musical nascida no Pará, e arma ao redor do palco oficinas, documentários e conversa sobre memória.

O espetáculo se organiza em quatro atos. “O Primeiro Sirirá” volta às raízes do gênero e à relação com o samba de cacete, com participação de Mestra Iolanda do Pilão. “Sotaque Latino” desloca a escuta para as

Baile do Mestre Cupijó traz ao Rio a pulsação do sirirá

Maria Haydée/Divulgação



O sirirá foi reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Pará em 2022

presenças caribenhas — merengue, lambada e mambo — que atravessam a música de Cupijó. Em “Bangüê: Vozes da Terra e do Tambor”, a percussão, a voz e o território aproxi-

mam tradições afro-amazônicas; o fechamento, “Legado Vivo”, coloca o sirirá em contato com sonoridades contemporâneas.

A montagem apresenta o sirirá

como linguagem viva, da tradição às sonoridades amazônicas atuais. O ritmo foi reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Pará em 2022; no

ano seguinte, a honraria alcançou a obra de Mestre Cupijó.

Fora do palco, a programação amplia o campo da escuta. Na sexta, após o show, os integrantes participam de roda de conversa sobre o legado do mestre e a continuidade das tradições. Há oficinas gratuitas de percussão e dança amazônica, na sexta, e de canto e percussão acessível para pessoas com deficiência visual, no sábado. A ação educativa ambiental propõe a construção coletiva de um instrumento sonoro com tampas de garrafas PET.

Também na Unidade Passeio da Caixa Cultural haverá uma mostra de documentários. “Terruá Pará”, de Jorane Castro, abre a programação na sexta; “Mestras”, de Aíla e Roberta Carvalho, será exibido no sábado; e “Mestre Cupijó e Seu Ritmo”, também dirigido por Jorane Castro, encerra o ciclo no domingo. Entre shows e filmes, a temporada devolve o sirirá a um contexto amplo: não somente dança ou repertório, mas encontro de herança afro-amazônica, invenção popular e vida coletiva.

SERVIÇO

BAILE DO MESTRE CUPIJÓ - ONDE NASCE O SIRIRÁ

Teatro Nelson Rodrigues - Caixa Cultural (Av. República do Paraguai, 230, Centro) Até 6/9, quinta a sábado (19h) e domingo (18h) Ingressos: Plateia - R\$ 30 e R\$ 15 (meia); balcão - R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

O piano eclético de Gustavo Casenave

Divulgação



O pianista e compositor uruguaio Gustavo Casenave, três vezes vencedor do Grammy e artista Steinway, se apresenta no Salão Assyrio, do Theatro Municipal, nesta quinta (3), às 19h. No recital solo, ele reúne composições próprias, improvisação e o diálogo entre jazz, música clássica e tango, linguagem que desenvolveu em uma carreira dividida entre Uruguai, Estados Unidos e Europa.

O Jazz das Minas de graça no Espaço BNDES

Divulgação



A cantora, pianista e compositora Ifátókí Maíra Freitas e o Jazz das Minas apresentam o projeto “Ayé Òrun” nesta quinta (3), às 19h, no Espaço BNDES. A formação 100% feminina liderada pela instrumentista trabalha como repertórios de matriz afro-brasileira em arranjos que atravessam jazz, canto, percussão e referências do terceiro. Grátis

Paisagens sonoras do Sul na Casa do Choro

Divulgação



O violonista gaúcho Maurício Marques leva nesta quinta (3), às 19h, ao palkco da Casa do Choro o solo “Violão de Fole”, criado para explorar as sonoridades de um violão de oito cordas. Composições próprias e releituras percorrem a milonga, o chamamé e o choro, inspiradas no timbre e no movimento da gaita e na paisagem musical do Sul.

Alma Thomas se apresenta no Dolores Club

Divulgação



Alma Thomas, cantora nova-iorquina radicada no Brasil há mais de duas décadas volta ao Dolores Club nesta quinta-feira (3), às 20h30, para celebrar o aniversário no show que leva seu nome. Alma percorrerá músicas autorais e passagens de sua trajetória com repertório que transita entre a canção brasileira, o jazz, o blues e a música negra estadunidense.

Duas vezes Beth Zalcman, num só templo

Atriz faz do Carlos Gomes, no Centro, espaço para investigar as forças femininas com as peças 'Helena Blavatsky, A Voz do Silêncio' e 'Ânima', encarnado mulheres avessas ao sexismo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Há palcos que servem apenas como chão de fábrica para estrelas brilharem... e há o Carlos Gomes.

Ali, pela memória acumulada em suas tábuas, quando as cortinas se abrem, arma-se um templo. Um templo de reza a Eurípedes, Aristófanes, William Shakespeare & cia, onde Beth Zalcman baterá cabeça para as entidades das artes cênicas, a partir desta quinta, ocupando aquele solo sagrado com dois monólogos. Ao longo de quatro noites consecutivas, ela dá vida a diferentes mulheres separadas por séculos, geografias e pensamentos.

Nos dias 3 e 4, às 19h, a atriz entra em erupção com seu consagrado "Helena Blavatsky, A Voz do Silêncio"; no sábado (5) e no domingo (6), traz aquela arena para si com "Ânima". Ambos têm texto da filósofa Lúcia Helena Galvão e encenação de Luiz Antônio Rocha.

"Eu sempre 'namorei' o palco do Teatro Carlos Gomes, desejando subir lá. Sempre imaginei este momento neste ponto de referência da cultura do Rio de Janeiro, por onde passaram tantas peças e artistas maravilhosos. E agora chego eu, acompanhada por mulheres que merecem demais esse espaço", explica Beth. "Esse teatro tem tudo a ver com Blavatsky: pela imponência, pela grandiosidade, por transbordar sabedoria e pela sua localização — um lugar central e democrático. Depois vem 'Ânima', trazendo outras figuras que marcaram o curso da história da humanidade; mulheres determinadas, com total clareza de seus propósitos, que trazem a potência do feminino e da arte. Estou vivendo a junção perfeita entre o desejo e a realização. Sinto-me muito animada e orgulhosa de ocupar esse palco — e, diga-se de passagem, muitíssimo bem acompanhada."

Primeiro ato dessa ocupação, "Helena Blavatsky, A Voz do Silêncio" chega ao Carlos Gomes depois de contabilizar umas 225 apresentações, para cerca de 250 mil espectadores, pelo país adentro. Beth



Beth Zalcman em 'Ânima'



Beth Zalcman em 'Helena Blavatsky, a voz do silêncio'

encarna a pensadora russa Helena Blavatsky (1831-1891) em seu último dia de vida, num quarto em Londres, de onde revisita viagens, descobertas e escolhas de uma existência dedicada à investigação filosófica e espiritual. Fundadora da So-

ciiedade Teosófica ao lado de Henry Steel Olcott, Blavatsky é recuperada pela dramaturgia para além dos estereótipos ligados ao ocultismo, como uma intelectual que enfrentou as limitações impostas ao feminino no século XIX para perseguir conheci-

mento. O trabalho rendeu a Beth o Prêmio CENYM de Melhor Atriz em 2023 e exige dela uma entrega que não admite piloto automático, mesmo depois de centenas de sessões.

"A gente nunca sobe sozinha ao palco, mesmo em um monólogo. Eu contraceno, por exemplo, com o Gabriel Oliveira, que opera a luz e o som das duas peças. A gente joga junto, é uma verdadeira sinfonia — uma entrada de luz perfeita, no timing certo do jogo teatral, é algo maravilhoso. Cresci demais como atriz nesses dois monólogos devido à profundidade do texto, que me leva a um mergulho em uma imensidão de possibilidades. As personagens ganham força e verdade na mesma proporção em que cresço internamente aprendendo com elas", diz Beth. "Sou muito disciplinada com a minha preparação: preciso ativar o corpo, a voz e as sensações, pois sei que a cada apresentação entro em um labirinto do qual não sei como vou sair do outro lado. Tenho que entrar sem amarras e sem certezas, em estado de presença total, deixando que elas me levem. E a plateia! Como é incrível senti-los respirando junto, 'escutando a voz do silêncio' e sendo tocados pelo intangível da magia do teatro. É bom demais fazer arte."

Sem arredar pé do Carlos Gomes, Beth troca de universo no sábado e assume "Ânima", peça escrita especialmente para ela por Lúcia Helena Galvão. Uma tecelã conduz a atriz pelo pensamento e pelas experiências de seis mulheres que desafiaram as convenções de seus tempos: Simone Weil, Joana d'Arc, Helena Blavatsky, Harriet Tubman, Marguerite Porete e Hipátia de Alexandria. A encenação faz do ato de tecer uma metáfora para aproximar personagens que enfrentaram perseguições, escravidão, guerras, dogmas religiosos e estruturas de poder, ligadas pela determinação de agir sobre o mundo em vez de simplesmente aceitá-lo.

Segundo Beth, é justamente nessa multiplicidade que o espetáculo encontra uma ideia de feminino que dispensa antagonismos fáceis. "Começo 'Ânima' citando uma frase de uma filósofa que resume todo o meu aprendizado sobre a vida e sobre a força do feminino: 'Desde sempre, para sempre, toda mulher tem parentesco com a primeira estrela brilhante que levou luz ao azul profundo do céu'. Lúcia Helena Galvão escolheu trazer mulheres que influenciaram a sua própria trajetória e que, consequentemente, impactam muito a minha. São mulheres que resgatam o valor do ato de viver e do entregar-se, sem hesitação, ao próprio propósito. O feminino aqui é apresentado não num lugar de disputa, mas de sabedoria, reflexão, sensibilidade, luta e criação. Todas tiveram vidas duríssimas e mortes trágicas. Foram grandes guerreiras: umas com a espada, como Joana d'Arc; outras com as palavras, com a ação, com a coragem e com a atitude — sempre em prol da humanidade".

A atriz conta que, durante uma apresentação em Porto Alegre, ao final de "Ânima", um homem se levantou e perguntou: "O que nós, homens, acreditamos ter de tão superior às mulheres, a ponto de eliminá-las ao nosso bel-prazer e julgamento?".

"Fica a reflexão", provoca Beth, que vai embarcar numa maratona de interpretação.

SERVIÇO

HELENA BLAVATSKY, A VOZ DO SILÊNCIO

Teatro Municipal Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro) 3 e 4/9, às 19h.

ÂNIMA

5 e 6, às 17h.

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Um inventário artístico

Ricardo Ribenboim, artista e gestor cultural, tem sua obra mutante revista em livro

JOÃO PERASSOLO

Folhapress

Há artistas, como Ricardo Ribenboim, que não fazem duas vezes a mesma obra. Ele colocou uma agulha gigante costurando os traços brancos do asfalto da rodovia Anchieta, deixou grandes barras de gelo derretendo nas plataformas da Estação Júlio Prestes, usou band-aids imensos para remendar os buracos das ruas de São Paulo, jogou bolas infláveis no mar de Ipanema para alertar sobre a preciosidade da água.

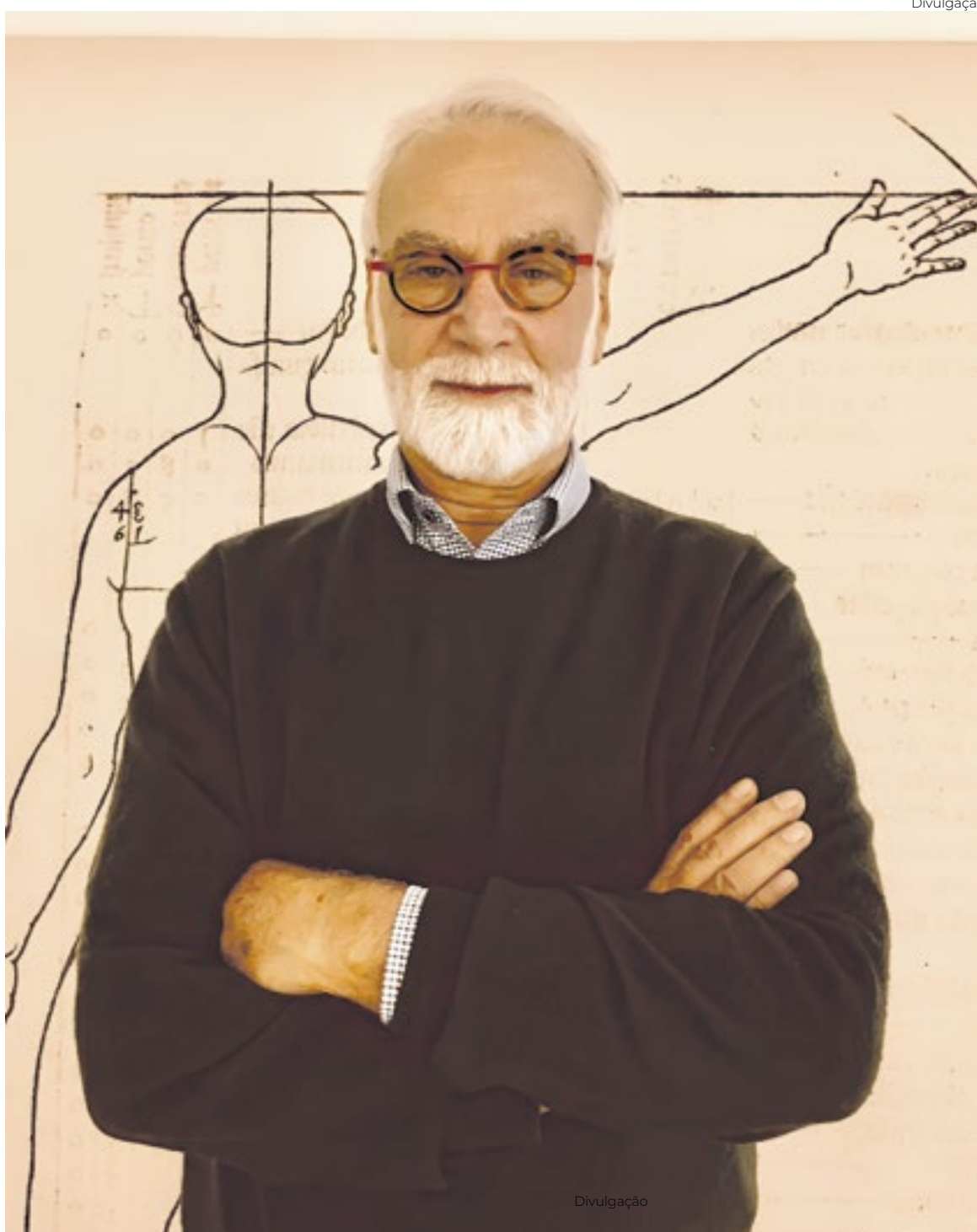
Após dialogar com as metrópoles e a natureza, criou esculturas em que a imobilidade da madeira encontra a elasticidade da borracha e dispôs, de forma geométrica, folhas de ouro e cinzas do incêndio do Museu Nacional sobre um pedaço de lona. Entre um trabalho e outro, fez carreira como gestor e produtor cultural, estruturando projetos e lidando com a burocracia da arte.

A trajetória de Ricardo Ribenboim, de 73 anos, é agora repassada num livro organizado pela curadora Denise Mattar. Intitulado “Ricardo Ribenboim”, as 300 páginas do volume mostram, em fotos e textos críticos, a evolução do pensamento plástico do artista em ordem cronológica.

Para a curadora, a produção de Ribenboim pode ser entendida como um exemplo de metamorfose eterna, de mudança constante - ele “transforma a impermanência em método criativo”, ela escreve no texto de abertura do livro, valendo-se do conceito japonês de “mujō”, que expressa a ideia de que tudo no mundo está em mutação contínua.

Neste sentido, Ribenboim se põe em oposição às regras não escritas da cultura ocidental. “A gente meio que fixa tudo, acha que as coisas vão ser iguais ao que sempre foram. E na cultura oriental eles têm profundamente impregnada essa questão da impermanência. Embora o Ribenboim seja totalmente ocidental, o trabalho dele é permeado por esses conceitos”, diz Mattar.

Nos anos 1990, o artista fez uma série de intervenções no espaço público, como as mencionadas



Para Ricardo Ribenboim ter outra fonte de renda lhe deu maior liberdade artística maior que a produção em ritmo de mercado

Com curadoria de Denise Mattar, o livro mostra em ordem cronológica a evolução do pensamento plástico de artista

no primeiro parágrafo deste texto. Tais obras, diz Ribenboim, queriam “criar impacto, não necessariamente um incômodo, mas levar uma reflexão” aos espectadores. O gelo que derretia na plataforma de trem em São Paulo era uma metáfora da energia da saudade que fica depois das despedidas. E a agulha gigante sugeria uma “costura urbana”, ele afirma.

Outra série de trabalhos seus bastante conhecidos - e amplamente documentados no livro - são as garrafas de Coca-Cola quebradas ou desconstruídas. Se Andy Warhol reproduziu os recipientes em serigrafias para criticar e celebrar a cultura de consumo, e Cildo Meireles imprimiu mensagens subversivas nos cascos, Ribenboim estiliza os contêineres de vidro para mostrar como eles são reconhecíveis mesmo em pequenos pedaços.

Segundo a curadora, “você se dá conta do quanto essa garrafa está impregnada na nossa mente, não consegue se livrar da imagem da Coca-Cola”. O artista acrescenta que se trata de um estudo de “como a gente consegue destruir esse ícone do capitalismo”.

Assim como outros nomes que não viveram exclusivamente de sua arte, a exemplo de Anna Bella Geiger e Claudio Tozzi, ambos professores, Ribenboim teve uma carreira paralela como gestor cultural. Ele trabalhou no Paço das Artes numa época em que a instituição era mais influente do que é hoje e criou o projeto Rumos, do Itaú Cultural, responsável por mapear a produção de arte brasileira contemporânea.

O Rumos, ele afirma, “é um trabalho de artista, e eu só vim a perceber isso muito tempo depois”. Além disso, com sua produtora Base7, montou exposições e publicou catálogos, como o *raisonné* de Tarsila do Amaral. Ele agora se dedica ao *raisonné* de Sérgio Camargo e em seguida vai para o de Frans Krajcberg.

Ter outra fonte de renda proporcionou uma liberdade artística maior do que a produção em ritmo de mercado exigida por uma galeria, ele conta, lembrando que teve representações comerciais em diversos momentos e agora negocia outra. “Tem certo momento em que a gente precisa vender, pôr pra fora”, diz.

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Rafael Catarcione/Riotur

Copacabana apagou a luz

Fui criado em Copacabana. Nasci ali, cresci ali e aprendi ali. Menino, eu ouvia os mais velhos contando, em voz baixa e sorriso largo, as maravilhas que o bairro guardava depois que o sol resolvia sumir do mapa. Falavam das ruas. Falavam das boates. Falavam, sobretudo, das moças. Eu não entendia tanto, mas entendia o essencial: havia uma festa acontecendo e eu ainda não tinha idade para o convite.

Passei a infância torcendo pelo relógio como quem torce pro jogo acabar em final de campeonato. O relógio andou. Dei minhas cacetadas, como diria Didi Mocó, e não me arrependo de nenhuma. Vivi boas e loucas experiências, dessas que a gente recomenda para as próximas gerações e esconde da atual.

Mas é justamente por isso que este colunista levanta hoje uma questão de ordem: cadê a velha noite de Copacabana?

O editor deste caderno, meu amigo Affonso Nunes, é testemu-

A Copacabana noturna
de hoje é um bairro quase silencioso, estéril, uma senhora bem-comportada que dorme cedo e reclama do barulho

nha de que continuo notívago. Com outros hábitos, é verdade. Troquei a farra juvenil pelo sanduíche de pernil e a boate pelo balcão. Volta e meia saio de madrugada para comer no Parada de Copa, que herdou do velho Cervantes a receita, os garçons e a alma, enquanto o endereço original ficou com a placa. Dia des-

ses, de barriga cheia, resolvi caminhar pelo quadrado que vai da Prado Júnior à Duvivier, o pedaço que um dia foi o mais quente da cidade. Um marasmo.

Os bares que não fechavam nunca hoje nem existem. As boates que restaram não completam os dedos de uma mão. As moças solícitas, aquelas do sorriso convidativo, sumiram sem deixar bilhete. Nem a Help sobrou: virou terreno de museu. Copacabana trocou a pista de dança por acervo.

Sei que os tempos mudaram. Os costumes também. Mas toda grande cidade tem seu pedaço onde boemia e sexualidade se misturam. Paris tem Pigalle, Amsterdã tem o bairro vermelho, e o Rio tinha Copacabana. Alguém vai me dizer que a Lapa ocupou esse espaço.

Será? Fui lá conferir. Encontrei muito jovem, muita cerveja na rua, muita fila de banheiro. A Lapa é uma mesa de bar do tamanho de um bairro. Copacabana era outra coisa. Era uma promessa.

Nasci num Rio em que Co-

pacabana, além de Princesinha do Mar, era o bairro onde o couro comia. Praia de dia, bar no fim da tarde, boate na madrugada, e o carioca inteiro sonhando com esse roteiro. Nunca esqueço minha primeira vez numa boate da Ministro Viveiros de Castro, quando uma morena digna de Hollywood se aproximou e disse: "Oi, lindão. Vamos tomar um drink?" Eu tinha tudo para ser ignorado numa fila de ônibus. Naquela noite, era

Don Juan. Copacabana tinha esse poder. Não fazia do sujeito um rei, mas fazia ele se sentir um. Que, convenhamos, sai mais barato e dá menos trabalho.

Tudo isso se apagou. A Copacabana noturna de hoje é um bairro quase silencioso, estéril, uma senhora bem-comportada que dorme cedo e reclama do barulho. Dizem que Copacabana não é um bairro, é um estado de espírito. Pode ser. O problema é que o espírito foi pra cama. E eu continuo aqui, na calçada, esperando o relógio andar.

De novo. Será?